

UMA NARRATIVA SOBRE UMA ESCOLA RURAL DA REGIÃO DO NORTE PIONEIRO DO ESTADO DO PARANÁ NO PERÍODO DE 1947 A 1985

A NARRATIVE ABOUT A RURAL SCHOOL IN THE PIONEER NORTHERN REGION OF THE STATE OF PARANÁ IN THE PERIOD FROM 1947 TO 1985

Juliana de Melo¹

Mirian Maria Andrade Gonzalez²

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado, que buscou criar fontes históricas por meio de relatos de pessoas que vivenciaram, de algum modo, a Escola Rural Água do Mandí, durante o período de 1947 a 1985 e disparar uma narrativa que registra uma história dessa escola, vinculado a um objetivo maior de contribuir para a compreensão das Escolas Rurais do Estado do Paraná, especificamente, na Região do Norte Pioneiro. Para tanto, mobilizamos a História Oral como referencial metodológico para a realização das entrevistas com sete colaboradores, sendo essas, posteriormente, transcritas, textualizadas e autorizadas para fins acadêmicos por meio da carta de cessão de direitos. Para a análise das narrativas, foi utilizada a análise narrativa, visando compreender acontecimentos pertinentes à época e, por meio desta, foi elaborado um registro histórico dessa escola, extinta fisicamente no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: História Oral; Escolas Rurais; Narrativas; História da Educação Matemática.

Abstract: This work is a part of a master's research, which sought to create historical sources through reports of people who experienced, in some way, the Água do Mandí Rural School, during the period from 1947 to 1985 and trigger a narrative that records a history of this school, linked to a greater objective of contributing to the understanding of Rural Schools in the State of Paraná, specifically in the North Pioneiro Region. For that, we mobilized Oral History as a methodological reference for conducting interviews with seven collaborators, which were later transcribed, textualized and authorized for academic purposes through the letter of assignment of rights. For the analysis of the narratives, narrative analysis was used, aiming to understand events relevant to the time and, through this, a historical record of this school, physically extinct in the contemporary context, was elaborated.

Keywords: Oral History; Rural Schools; Narratives; History of Mathematics Education.

1 Introdução

¹ Mestre em Ensino de Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professora vinculada à Secretaria de Educação Municipal de Joaquim Távora, Ribeirão do Pinhal, Paraná, Brasil. E-mail: jumeello@hotmail.com.

² Doutora em Educação Matemática, Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Unesp/Rio Claro. Docente do Departamento Acadêmico de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica – PPGFCET da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba (UTFPR-CT), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: miriangoncalez@utfpr.edu.br

Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “ERA UMA ESCOLA MUITO ENGRAÇADA, NÃO TINHA TETO, NÃO TINHA NADA...”: uma narrativa sobre a Escola Rural Água do Mandí, concluída em 2021, no Programa de Pós Graduação em Ensino de Matemática (PPGMAT), em que a autora da dissertação é a primeira autora deste artigo, sob a orientação da segunda autora deste texto. O objetivo da pesquisa foi criar fontes históricas por meio de relatos de pessoas que vivenciaram, de algum modo, a Escola Rural Água do Mandí, localizada no município de Andirá-PR, durante o período de 1947 a 1985 e disparar uma narrativa que registra uma história dessa escola.

Essa pesquisa, buscou, além da criação de fontes históricas, contribuir com o estudo das Escolas Rurais do Norte Pioneiro do Estado Paraná. Para isso, foi utilizada a metodologia da História Oral que tem como principal instrumento de pesquisa a entrevista. Esse trabalho registrou relatos de sete colaboradores que exerceram diferentes funções nessa escola. Após a realização das entrevistas, os áudios foram transcritos e textualizados, por fim, foram dispostos aos colaboradores, que, por meio da carta de cessão, autorizaram o uso para fins acadêmicos.

A pesquisa foi desenvolvida em meio à pandemia do Covid-19 e, como os colaboradores eram do grupo de risco, fez-se necessário um novo modelo de entrevista. Com exceção de uma, que aconteceu ainda de modo presencial, respeitando as orientações de proteção e distanciamento social, as demais aconteceram por meio de troca de áudio do aplicativo *WhatsApp*, que permitiu a participação de colaboradores de outros estados, enriquecendo as escassas informações.

A mobilização da História Oral como metodologia de pesquisa, em trabalhos que se debruçam a investigar Escolas Rurais, seja com o objetivo de disparar narrativas, compreender acontecimentos históricos ou o estudo da formação de professores e alunos, se apresenta de modo bastante considerável nas pesquisas em História da Educação Matemática. No estado de São Paulo, citamos a pesquisa de Silva (2018), que buscou tecer compreensões sobre Escolas Rurais como espaços formativos, especificamente na região de Borebi-SP, no ano de 1980, e Martins-Salandim (2003), que investigou como ocorria a formação dos professores e alunos de núcleos de ensino rural na região oeste do estado de São Paulo.

No Estado do Paraná, por exemplo, Souza (2017), enquanto aluna do curso de Licenciatura em Matemática, disparou, como Trabalho de Conclusão de Curso, uma narrativa sobre a primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze e em 2019, essa mesma autora investigou aspectos históricos do Grupo

Escolar Usina Bandeirantes, ambas Escolas Rurais situadas no município de Bandeirantes³. Essa cidade é vizinha ao município de Andirá⁴, cidade em que a Escola Rural Água do Mandí estava localizada.

Por meio do livro de Ramos et al. (2017)⁵, foram encontrados registros de que houve um total de 20 (vinte) Escolas Rurais em funcionamento no município de Andirá, porém, as informações encontradas não revelaram se funcionavam todas na mesma época. A Escola Rural Água do Mandí era a escola que tinha menos registros arquivados disponíveis em relação às demais Escolas Rurais do município. Durante toda a pesquisa, esses documentos estavam sob a responsabilidade da documentadora do município, além disso, após a nuclearização⁶ das Escolas Rurais, o prédio que a abrigava foi demolido. Buscamos, então, valorizar todos os poucos arquivos disponíveis e, principalmente, as memórias de pessoas que possuíram vínculo com essa escola e, para isso, foi utilizada a metodologia da História Oral, que tem como principal instrumento de pesquisa as entrevistas.

Para isso, neste trabalho, será apresentada a metodologia da História Oral como a compreendemos e a mobilizamos nesta pesquisa, uma descrição de como se deu a busca pelos colaboradores e outros documentos que foram consultados nesta pesquisa e da descrição das fontes históricas, as compreensões da Escola Rural Água do Mandí por meio da análise e, por conseguinte, as considerações finais.

2 História Oral e Educação Matemática

A metodologia da História Oral utilizada neste trabalho tem como princípio compreender acontecimentos históricos e, por meio das entrevistas, disparar uma narrativa que registre uma história dessa escola. Essa metodologia, por sua vez, não consiste apenas em coletar depoimentos orais, mas, sobretudo, consiste em utilizar a oralidade seguindo alguns procedimentos e princípios específicos. Martins-Salandim

³ Bandeirantes é um município localizado na Região do Norte Pioneiro do Estado do Paraná e pertence ao Núcleo Regional de Educação da cidade de Cornélio Procópio, dista aproximadamente 409,4 km da capital, Curitiba.

⁴ Andirá é uma cidade que dista aproximadamente 19,4 km de Bandeirantes. No censo de 2021 possuía uma população estimada em 19.823 habitantes.

⁵ Esse livro, durante o desenvolvimento da pesquisa, estava disponível no museu do município e ele retrata, sem muitos detalhes, fatos históricos da cidade.

⁶ O Projeto de Nuclearização consiste em agrupar as pequenas Escolas Rurais de uma determinada região em uma única escola, conhecida como Escola-Núcleo, com características próprias de organização e funcionamento.

(2012, p. 51), afirma que a História Oral como metodologia de pesquisa é “sempre um exercício, um fazer em trajetória e não uma mera e simples aplicação linearizada que nos permite passar por etapas em procedimentos mecanicamente implementados”.

Para Garnica (2010, p. 30), a “História Oral pode ser vista como um método extremamente produtivo para levantar perspectivas que nos ajudem a escrever a História”.

No início do ano 2000, de acordo com Baraldi e Rios (2019, p. 293), essa metodologia surgiu como uma alternativa para organizar a “busca de traços dos cenários históricos relacionados à formação e às práticas dos docentes, bem como para a compreensão de fatores e de significados das tramas constitutivas das práticas atuais”.

Alguns pesquisadores em História da Educação Matemática têm utilizado a História Oral como respaldo teórico e metodológico de pesquisa. Para Garnica (2011, p. 4), o diferencial da História Oral “é essa ‘criação intencional’ de fontes a partir da oralidade e a fundamentação que se estrutura para essa ação”.

Garnica (2007) evidencia três fatores que distinguem e validam a abordagem da História a partir de evidências orais. São elas:

[...] a oralidade permite ressaltar, tornando mais dinâmicos e vivos, elementos que, de outro modo, por outro instrumento de coleta, seriam inacessíveis; a evidência oral permite compreender, corrigir ou complementar outras formas de registro – quando existem – e, finalmente, a evidência oral traz consigo a possibilidade de transformar “objetos” de estudos em “sujeitos”, ao evitar que, como na “historiografia clássica”, os atores da História sejam compreendidos a distância e (re)elaborados em uma “forma erudita de ficção” (GARNICA, 2007, p. 11).

A História Oral utilizada em pesquisas historiográficas não retrata apenas história do passado, mas, sim, a história de pessoas que têm algo a dizer sobre suas experiências⁷ de vida no presente. Em consonância com Nakamura (2019), a História Oral se caracteriza por uma trajetória peculiar de cada pesquisador e as narrativas dos depoentes são histórias únicas, permeadas por interesses, lapsos de memórias, saudades, entre outros fatores. Cada colaborador constrói sua história a partir do vivido.

Ainda que essa metodologia não se reduza a simplesmente um conjunto de ações, existem alguns procedimentos próprios da História Oral, como a temática e escolha dos

⁷ Conforme Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, ou seja, são as vivências que de alguma forma nos sensibilizam.

depoentes, elaboração do roteiro, realização das entrevistas, transcrição dos áudios, textualização e, por fim, análise e assinatura da carta de cessão de direitos.

Embora a entrevista se configure como principal instrumento dessa metodologia, há outras fontes que também são importantes para consulta, como os documentos escritos, imagens, folhetos, jornais, atas etc. (LOPES; REGOS, 2015).

Para a realização das entrevistas, é importante que o pesquisador tenha claro o grupo de depoentes, no entanto, acreditamos que não há uma quantidade ideal de colaboradores a serem entrevistados ou uma quantidade de sessões de entrevistas a serem feitas com cada entrevistado, isso são características peculiares a cada pesquisa.

Na busca pelos depoentes, é comum o uso do critério de rede, que consiste em o depoente sugerir ou fazer menção a outra pessoa. Cabe ao pesquisador entrar em contato com essa pessoa, uma vez que, pode apresentar contribuições. Isso acontece porque o tema da pesquisa será mais conhecido em determinada comunidade, sendo comum que um depoente lembre nomes de outros possíveis colaboradores. É de responsabilidade do pesquisador anotar as sugestões e, se julgar necessário, entrar em contato com o possível futuro colaborador (MELO, 2021).

Para a realização da entrevista, há a elaboração prévia de um roteiro de entrevista, composto, normalmente, por perguntas ou por palavras-chave, permitindo que o colaborador discorra sobre determinado assunto. Esse roteiro deve ser elaborado antecipadamente e estar em consonância com os objetivos da pesquisa, deve estar à disposição dos depoentes, caso eles os solicitem previamente para organizar suas exposições, além de ser flexível, podendo receber ajustes sempre que o pesquisador julgar necessário, até mesmo após algumas entrevistas.

Os relatos orais obtidos nos momentos das entrevistas, encorajam a escrita de uma História que pode não ser uma representação idêntica do acontecimento/existência, mas que auxilia na compreensão de como o passado chegou até o presente, por meio da memória remota (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

Segundo Thompson (1998, p. 254), para que o pesquisador se torne um entrevistador bem sucedido, ele deve possuir: “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar”.

O local da entrevista deve ser adequado, se possível, protegido de eventuais interferências externas. As entrevistas são gravadas e/ou filmadas e, posteriormente,

transformadas em textos escritos numa sequência de procedimentos aos quais são denominadas transcrição e textualização, respectivamente.

A transcrição, da gravação bruta, consiste em transcrever exatamente as falas do colaborador, é a versão original da entrevista, preservando a linguagem e particularidades do dialeto utilizado pelo entrevistado e a sequência que foi coletado o depoimento (GARNICA, 2003). Esse momento exige do pesquisador, respeito com o sujeito que fala, tentando ser o mais fiel possível em transcrever um texto oral para um texto escrito.

Finalizada a transcrição, o pesquisador dá início à textualização. Esse processo permite uma maior fluência na apresentação das ideias colocadas pelo depoente, além de possibilitar aos leitores uma melhor compreensão da entrevista.

Na textualização, são excluídas as particularidades de dialetos do entrevistado, preservando características do modo de falar. Nesse momento, o pesquisador reordena cronologicamente as informações, constituindo um texto harmônico, sem os momentos de perguntas e respostas, se assim preferir.

Finalizada a textualização, o pesquisador entrega a narrativa constituída aos depoentes para possíveis correções e/ou complementações, se desejarem. Garnica (2011), retrata que essa etapa pode ser feita quantas vezes o pesquisador e colaborador julgarem necessário. Essa é uma etapa que depende da sensibilidade e do estilo de redação do pesquisador e é um momento de legitimação e conferência, na qual serão feitos os ajustes conforme exigência do depoente ou o aceite dele do texto como está. Avaliar o que deve ou não se tornar público é um aspecto fundamental da História, o depoente pode querer ocultar informações já ditas no momento da gravação ou acrescentá-las.

Assim que aprovada a narrativa, os colaboradores autorizam formalmente, por meio de uma carta de cessão de direitos, o uso para fins acadêmicos dos registros orais coletados e de suas textualizações.

A análise dessas narrativas exige a atenção do pesquisador em relação à totalidade do processo. Garnica (2003, p. 18) define esse momento como “decompor um todo em suas partes (essa concepção que advém diretamente de uma abordagem cartesiana); observar, examinar com minúcia, esquadrihar; submeter à crítica”. Esse olhar analítico já vem acontecendo antes mesmo de começarem as entrevistas, com a busca pelos colaboradores e até mesmo na escolha do tema, mas é chegado um momento que se exige o registro.

Nesse momento se busca atribuir significado a todos os procedimentos realizados na pesquisa. Exige do pesquisador uma interpretação e reflexão do que está acontecendo,

de qual o possível significado dos dados. Ele desenvolverá argumentos que permitam unir tematicamente os elementos.

3 O fio que conduziu essa história

Nesta seção, será apresentado o caminho traçado para obter informações sobre a escola e os possíveis colaboradores da pesquisa, além de detalhes de como algumas fontes históricas encontradas auxiliaram na compreensão e no registro de uma história dessa escola e como elas contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

A Escola Rural Água do Mandí está localizada no Norte Pioneiro do Estado do Paraná, na cidade de Andirá e, de acordo com as fontes históricas, esteve em funcionamento durante o período de 1947 a 1985.

O primeiro contato com informações sobre essa Escola Rural foi por meio das fontes históricas: livros registro e um histórico escolar, que foram disponibilizados pela documentadora do município. Ela ressalta que a escassez de informações sobre as Escolas Rurais se dá ao fato de não terem um local específico para seu arquivamento. Enquanto a pesquisa estava sendo realizada, as fontes históricas encontravam-se disponíveis em sua sala, entretanto, antes disso, passaram por vários lugares e, durante o transporte, alguns foram rasgados e até mesmo perdidos.

As fontes históricas encontradas, foram livros registro⁸, que contemplam o período de 1947 a 1985 e um histórico escolar do ano de 1982. Os livros registro não são, necessariamente, sequenciados um ano após o outro, por exemplo, não há informações sobre os livros dos anos de 1949 a 1960 e, ainda, nem todos os livros foram preenchidos completamente com as informações.

Por meio desses livros registro e do histórico escolar, compreendemos que a Escola Rural Água do Mandí permaneceu em funcionamento por quase quatro décadas, mas que sua autorização de funcionamento nº 2.962 é de 17 de novembro de 1982, informação apresentada no histórico.

Ao longo de sua trajetória, essa escola recebeu vários nomes. Em 1947, era nomeada como “Escola Isolada⁹ de Fazenda São Sebastião”, em 1964, “Escola Isolada

⁸ No contexto da pesquisa, esses eram livros de registro, no entanto, será utilizado a mesma notação das capas dos livros: “livro registro”.

⁹ “As Escolas Isoladas não tinham locais definidos para seu funcionamento, o professor lecionava, muitas vezes, em lugares com estruturas precárias pouco adequados ou até mesmo em sua própria residência” (MELO, p.8, 2021).

Água do Mandí” e, a partir de 1970, passou a ser padronizada a nomenclatura “Escola Rural Água do Mandí”.

Os livros de 1947 a 1979, além de registrarem a chamada, serviam como registro de matrícula, mas, em 1978, passaram a receber outro tipo de formatação. Os livros de 1978 e 1979, além de registrarem a matrícula e a frequência, passaram a ter um espaço para a inserção do plano de curso, conteúdo trabalhado ao longo do bimestre, detalhamento das avaliações e quadros estatísticos, que nem sempre foram preenchidos na íntegra.

De modo geral, entre os anos de 1947 e 1977, os livros eram estruturados em: capa, registro de matrícula e frequência. A partir de 1977, as páginas iniciais do livro continham orientações de preenchimento e, além da sequência apresentada anteriormente, havia um espaço para a inserção do conteúdo desenvolvido ao longo do semestre, sendo apresentados também, ao final do livro, quadros estatísticos. Após 1979, não há mais registro de matrícula nos livros, mas permanecem com estrutura semelhante.

Na capa dos livros encontrados, em sua maioria, constam informações como nome do professor, ano de vigência e turno. No período de 1947 a 1977, o mesmo livro era utilizado para mais de um ano letivo, esse tipo de uso permitia a menor movimentação de documentos, limitando-se a um livro por escola.

Os livros registro permitiram uma compreensão do funcionamento pedagógico dessa escola e uma descrição mais detalhada dessas fontes e algumas imagens, que expressam as condições de preenchimento dos livros, estão disponíveis na dissertação¹⁰.

As pesquisas que mobilizam a História Oral acontecem de forma peculiar a cada pesquisador. Em algumas pesquisas, os colaboradores são encontrados com facilidade, mas, em relação à presente pesquisa, os colaboradores foram encontrados ao longo de sua formulação. Um pouco dessa dificuldade de acesso aos colaboradores foi por conta da pandemia de Covid-19, principalmente com pessoas acima de 60 anos, consideradas do grupo de risco.

Apesar de os livros registro possuírem uma quantidade significativa de nomes, ao realizar a busca em redes sociais, até mesmo perguntando para conhecidos, foram poucos encontrados.

Os primeiros colaboradores foram encontrados por meio da leitura do histórico escolar: o documentador e a inspetora de ensino. Os demais colaboradores foram

¹⁰ Disponível em <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/26870>

encontrados por meio do critério de rede e da rede social *Facebook* em um grupo denominado “Andirá Túnel do Tempo”, cujo objetivo é resgatar fotos e lembranças do passado da cidade. Foram entrevistados sete colaboradores ocupantes de diferentes posições: um documentador, uma inspetora de ensino, duas professoras e três alunas.

Devido à pandemia de Covid-19, foi necessário um novo conceito de entrevista, para com a maioria dos colaboradores. Todo o contato com as fontes históricas e a realização da primeira entrevista, foram seguindo normas de segurança e proteção como o uso de máscara, álcool em gel e distanciamento. As demais entrevistas aconteceram por meio de troca de áudio do aplicativo *WhatsApp*. Optamos por essa ferramenta, visto que era uma ferramenta de fácil acesso para os demais colaboradores, além do mais, essa modalidade de entrevista “remota” permitiu entrevistar pessoas consideradas do grupo de risco e pessoas de outros estados.

A primeira entrevista foi com o documentador do município, descrito como secretário no Histórico Escolar. Sua responsabilidade era acompanhar a documentação que transitava entre as modalidades de escolas e a Secretaria de Estado da Educação (SEED), inclusive a conferência dos relatórios finais dessas escolas.

Por meio deste mesmo documento, foi possível encontrar a inspetora de ensino atuante na época, também entrevistada, cuja função era dar suporte pedagógico para as Escolas Rurais, visto que não existia equipe pedagógica como atualmente.

Como figura primordial para o funcionamento desta escola, foram entrevistadas duas professoras e três alunas. Essas entrevistas permitiram conhecer detalhes da estrutura, organização do processo de ensino e aprendizagem.

Os roteiros foram elaborados e baseados nas inquietações que surgiam conforme ocorria a busca por documentos históricos. Um roteiro foi estruturado em formato de perguntas e os demais com palavras/frases chave, além de uma pergunta comum a todos os colaboradores, sobre as lembranças dessa escola. O roteiro de perguntas seguiu esse padrão para que fosse possível uma entrevista pontual.

Após a realização das entrevistas, foi feita a transcrição dos áudios. São discursos permeados de subjetividade, lembranças, conflitos, tristezas, alegrias e até mesmo de saudade, de voltar no tempo, de poder mudar algo ou fazer tudo de novo. Depois de finalizada a transcrição, teve início a textualização. Esse processo permitiu uma maior fluência na apresentação das ideias colocadas pelos depoentes, além de possibilitar aos leitores uma melhor compreensão da entrevista. Por fim, essas textualizações foram

disponibilizadas aos colaboradores para que, cientes, autorizassem o uso, por meio da carta de cessão, para fins acadêmicos.

Nesta pesquisa, foi feito o possível para buscar por colaboradores e fontes históricas, mesmo perante as adversidades. O resultado de toda a busca por informações, contribuiu significativamente para elaborar e registrar uma história da Escola Rural Água do Mandí.

4 Elaboração da análise

Por meio das textualizações e olhando para as fontes históricas oficiais encontradas, foi elaborada uma análise das narrativas, de modo a registrar uma história da Escola Rural Água do Mandí, durante seu tempo de funcionamento.

A análise desse trabalho foi realizada, portanto, com base na análise narrativa que, “[...] produz a narração de um enredo ou argumento, por meio de uma história narrativa que se torna dados significativos” (BOLÍVAR, 2002, p. 13). Nesse tipo de narrativa, o pesquisador apresenta os elementos de uma história agregando significados aos relatos, com a intenção de expressar verdadeiramente a voz dos entrevistados.

Nesse contexto, objetivou destacar o caráter único de cada narrativa, propiciando uma compreensão de sua diversidade, bem como a peculiaridade de cada indivíduo.

A análise deste trabalho remete à música “A casa”, composta como poema por Vinicius de Moraes e cantada por Antonio Pecci Filho (Toquinho). A inspiração para o poema surgiu por meio de visitas de Vinicius a seu amigo uruguaio Carlos Páez Vilaró que construía uma casa, hoje denominada Casapueblo. Cada vez que Vinicius visitava Casapueblo, a casa estava de um jeito, metade construída e metade em escombros, o que justifica os trechos:

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão

Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede [...].

Os primeiros passos nessa trajetória remetiam resumidamente a: “não há mais nada dessa escola”, “não há estrutura” e “não há fotos”¹¹. Perante as dificuldades encontradas para obter informações históricas dessa escola, intencionamos e adaptamos a análise ao poema descrito acima, contribuindo, assim, para a História da Educação local, sobretudo a Educação Rural.

5 Era uma escola muito engraçada...: uma narrativa

Sempre tem um antes, mas para contar uma história é necessário estabelecer um início, o início da história da Escola Rural Água do Mandí se dá em 1947...

O terreno foi doado pelo dono da Fazenda São Sebastião, que, até então, era um local em desuso. As Escolas Rurais eram nomeadas ou de acordo com o nome da fazenda ou aspectos característicos a ela, nesse caso, “Água do Mandí faz referência ao riozinho que nasce ali na fazenda” (trecho da entrevista da professora Theresa¹², MELO, 2021, p. 86).

Toda feita de tijolinhos à vista, chão bruto, com apenas dois cômodos organizados em uma sala de aula e uma espécie de almoxarifado, que com o tempo se tornou a cozinha, coberta com telhas de barro. As portas eram de tramela que nem sempre resistiam a fortes chuvas, muito menos aos gados que ali rodeavam e quando as vacas escapavam do pasto, colocavam a cabeça dentro da sala de aula, o foco da aula se tornava outro, acariciar a cabeça da vaca. Quanto às características da localização dessa escola, o documentador ressalta que “a maior parte das Escolas Rurais eram em casa de colônia, mas tinham escolas até no meio do pasto” (trecho da entrevista do documentador Paulo, MELO, 2021, p. 69).

¹¹ As frases destacadas por aspas duplas, fazem jus a frases ouvidas durante a trajetória dessa pesquisa, durante a busca por informações.

¹² Os nomes apresentados nesta seção são verídicos e foram autorizados para uso por meio da carta de cessão de direitos que constam como apêndice da dissertação, cujos originais encontram-se sob posse da pesquisadora.

Assim como na música, não tinha pinico ali e nem mesmo estrutura para banheiro ou encanamentos sanitários, “quando os alunos tinham necessidades tinham que fazer no meio do cafezal” (trecho da entrevista da professora Theresa, MELO, 2021, p. 87).

Quem morava nas proximidades, corria para a casa utilizar o banheiro. O chão fora da escola era de terra, não havia muro ao seu redor, tinha árvores e barrancos, distração da aluna Ana Maria e de seus amigos, “enquanto a tia Maria¹³ não chegava, ficávamos brincando no barranco” (trecho da entrevista da aluna Ana Maria, MELO, 2021, p. 80)

Em conformidade com os documentos e com os relatos, durante todo o tempo de funcionamento, foi ofertado o ensino primário, conhecido também como ensino de 1^a a 4^a série, o que atualmente se remete aos anos iniciais do ensino fundamental. Na sala de aula, havia carteiras duplas, “eram de dois alunos ou então tinha umas que cabiam 4 ou 5 alunos” (trecho da entrevista da professora Theresa, MELO, 2021, p. 87).

A leitura era feita silenciosamente e quando os alunos menos esperavam, a professora estava ali ao lado questionando o que havia lido. O conteúdo era ministrado no quadro negro dividido em partes, seguindo o número de turmas presentes. Se houvesse quatro turmas, quatro divisões, uma para cada turma, respectivamente.

O professor se dedicava um pouco a cada fileira/turma, passava de carteira em carteira esclarecendo as dúvidas. Na base do improvisado, os professores se viravam como podiam. Além do foco na alfabetização, eram ensinados outros conteúdos relacionados à Matemática, Português, História e Geografia, o básico correspondente a cada turma.

O acesso a novas tecnologias, como a calculadora, não existia, mas o caderninho de tabuada e régua não podiam faltar, materiais comuns nas aulas de matemática! A aluna Ana Maria relata que “nas aulas de matemática a tia Maria passava continhas de dividir, de vezes, de mais, de menos, de emprestar, algarismo romano, ensinava até a ver hora” (trecho da entrevista da aluna Ana Maria, MELO, 2021, p. 79).

Apesar das dificuldades, os alunos e as professoras se divertiam com o pouco que tinham. Não havia livros didáticos e sem formação específica para lecionar, a professora Theresa fazia do calendário um material para lhe ajudar,

“nessa escola tinha um calendário de meses, em tamanho grande e ali tinha algumas estampas, por exemplo, animais, crianças correndo, brincando etc., e os alunos faziam algumas atividades com bases nessas estampas. Eles deveriam descrever

¹³ Tia Maria faz menção a Dona Licínia.

características de determinada estampa ou construir uma história” (trecho da entrevista da professora Theresa, MELO, 2021, p. 89).

Para comportar a quantidade numerosa de alunos, a escola era dividida em dois turnos, manhã e tarde, mas não necessariamente funcionavam os dois turnos simultaneamente. De acordo com as fontes históricas, essa escola funcionou nos turnos matutino e vespertino simultaneamente, mas também funcionou só um turno, dependia da demanda de alunos.

Em meados de 1973, essa escola passou a ter uma privada, que é uma espécie de cômodo isolado, geralmente de madeira, com um buraco no chão: “para ir até a privada tinha que prestar atenção, às vezes quando os animais estavam soltos, a professora ia com a gente porque tinha vaca brava, a privada era para meninos e meninas, ia um de cada vez, a professora ficava controlando” (trecho da entrevista da aluna Maria Aparecida, MELO, 2021, p. 82).

Água canalizada foi uma realidade distante durante todo o tempo de funcionamento dessa escola, para ter acesso a água, talvez não tão potável assim, os alunos se deslocavam até a mina e a traziam para armazená-la em um filtro de barro. Os alunos mais velhos eram considerados os mais responsáveis, por isso eles eram os encarregados por essa função.

Na hora da refeição, a união fazia a força. Os alunos levavam um pouco do que tinham em casa e a professora dividia sua profissão com a de merendeira. Todos os alunos dessa escola moravam nas proximidades da fazenda, talvez nem tão próxima assim, mas cada um procurava uma maneira mais acessível e viável de se deslocar até a escola. Algumas crianças não tinham calçado, seja por condições financeiras mais precárias ou até por hábito de andar descalço... Essa questão do calçado passava despercebido na hora do recreio, momento de diversão, momento em que qualquer objeto virava brinquedo, entre si, todos se tratavam da mesma forma, sem distinção de sexo, classe social ou idade.

Essa escola funcionou por meio da colaboração dos alunos e professores, onde a união permanecia mesmo aos sábados, dia que era dedicado para a limpeza da escola. Escola pequena, sem luxo algum, mas que nas narrativas se faz presente uma valorização comum.

No tempo em que a professora Theresa lecionou, ela foi a única professora da turma. No entanto, na narrativa da aluna Marilena, em específico na década de 1960, foi relatado que as turmas eram divididas para dois professores de forma que cada professor ministrava o conteúdo

para duas fileiras, complementa o documentador Paulo “quando tinha muitos alunos, tinha um outro professor, então um dava aula para segunda e quarta série, o outro para primeira e terceira série” (trecho da entrevista do documentador Paulo, MELO, 2021, p. 68).

O uniforme era o famoso “guarda-pó”, a professora Theresa relata os detalhes desse uniforme que, na maioria das vezes, eram confeccionados pela mãe. Quanto à formação dos professores, eram raros os que tinham o magistério, mas que apesar das dificuldades da época, os professores mesmo sem formação específica, se dedicavam à profissão, iam de carteira em carteira esclarecendo as dúvidas.

Durante o ano letivo os professores recebiam a visita da inspetora de ensino, cuja função era “orientar os professores no preenchimento do livro de chamada, fazer a conferência desse preenchimento, além disso, nas visitas conversávamos com os alunos, olhava os cadernos, conversava com o professor se estava conseguindo cumprir com o cronograma e após as visitas fazíamos um termo de visita relatando tudo que aconteceu” (trecho da entrevista da inspetora Creuza, MELO, 2021, p. 73).

Mensalmente, ou a cada dois meses, eram feitas reuniões com a inspetoria de ensino para orientar os professores sobre os conteúdos a serem ministrados nos próximos meses e até mesmo esclarecerem suas dúvidas. Ao final do ano, a inspetoria de ensino elaborava o exame final, com o propósito de definir se o aluno ia ou não para a próxima série.

O registro de matrícula era feito pelo professor no próprio livro de chamada até o ano de 1979, por conseguinte a matrícula deixou de ser registrada no livro registro. As inspetorias de ensino, em suas visitas, acompanhavam o preenchimento desses livros de registros.

Essa escola era frequentada por alunos dos mais variados contextos sociais e de diferentes idades. Os alunos que conseguiam completar o ciclo nessa escola, eram locados para as escolas da cidade para dar continuidade nos estudos, levavam consigo a educação que haviam recebido em casa e os ensinamentos da escola. As professoras faziam todos os esforços possíveis para ofertar um ensino de qualidade, mesmo com pouco recurso, visando que os alunos não fossem discriminados por morarem/estudarem na zona rural. O respeito pelo professor era ensinado no ambiente familiar, além do mais, esses alunos destacavam-se pela boa caligrafia.

Os pais tinham uma rotina corrida, então não conseguiam estar sempre presentes nas poucas reuniões escolares, mas na primeira Comunhão os pais tinham maior participação. Os padres se deslocavam até a zona rural para ouvir a confissão dos alunos.

A primeira comunhão é onde se encerra um ciclo e começa outro, mas na história dessa escola, o ciclo encerrou quando ela foi extinta.

A Casapueblo, que inspirou a música “era uma casa muito engraçada”, também inspirou a construção de um poema, onde a história faz morada.

ESSA ESCOLA...

ERA UMA ESCOLA
MUITO ENGRAÇADA
NO MEIO DO PASTO
COM AS VACADA

QUE TINHA TETO
MAS NÃO TINHA TUDO
ERA UMA ESCOLA
COM ALUNOS SORTUDO
E PROFESSORES
QUE FAZIAM DE TUDO

TODOS PODIAM
FAZER PIPI
NO CAFEZAL
LOGO ALI

TODOS PODIAM
SE ORGANIZAR NAS CADEIRAS
PORQUE ALUNOS DE VÁRIAS TURMAS
SENTAVAM EM FILEIRAS

TODOS PODIAM
ENTRAR NELA SIM
PORQUE SUA HISTÓRIA
NÃO TERÁ UM FIM

MAS NINGUEM PODIA
SER ATREVIDO
PORQUE O RESPEITO DE CASA
ERA CONCEBIDO

ERA ZELADA
COM MUITO CUIDADO
POIS ERA ÚNICA, ALI
COM SIGNIFICADO.

6 Considerações finais

Uma história é constituída de muitas lembranças que permanecem na memória, mas que, na maioria das vezes, são ocultas ou perdem suas características com o passar dos anos, mas mesmo que os anos passem, essa pesquisa contribuirá para que uma história dessa escola seja contada.

Esta pesquisa permitiu o entendimento de alguns acontecimentos da época e até mesmo o êxodo rural que pode ter sido um dos motivos da extinção dessa escola. Dentre outros fatores, um deles tomou frente: as narrativas das professoras, que, mesmo com pouco recurso, permaneceram com a força de vontade em ensinar seus alunos e, juntos, transpor as barreiras.

A história apresentada neste trabalho corroborou o principal objetivo desta pesquisa: criar um registro histórico por meio das narrativas e uma complementação por meio de fontes históricas documentais, registrando uma história, com olhares à época. Por fim, este trabalho teve como fruto um produto educacional¹⁴ na modalidade de acervo histórico que registra uma história dessa escola, além de contribuir com as pesquisas de Escolas Rurais do Norte Pioneiro registrando/resgatando mais uma história.

Referências

BARALDI, I. M.; RIOS, D. F.; História Oral e Educação Matemática: práticas de pesquisas. *Perspectivas da Educação Matemática*, 2019, v. 12, n. 29, p. 292-300.

¹⁴Disponível em <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/26870>

- BOLÍVAR, A. (2002).; “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, 4 (1). Disponível em: <<https://redie.uabc.mx/index.php/redie/article/download/49/91/239>>. Acesso em: 23 de mar de 2023.
- BRANCO, S. C. **História oral**: reflexões sobre aplicações e implicações. São Paulo: Norus, 2020.
- GARNICA, A. V. M. História Oral e História da Educação Matemática: considerações sobre um método. In: **Trabalho apresentado no I Congresso Ibero Americano de História da Educação Matemática, Covilhã, Portugal**. 2011.
- GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, 2003, v. 11, n. 1, p. 9-56.
- GARNICA, A. V. M. Manual de História Oral em Educação Matemática: outros usos, outros abusos. **Guarapuava: SBHMat**, 2007, v. 16 [s/n].
- GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, 2010, 29-42.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- LOPES, C. M.; REGOS T. C. Arquivo e memória dos trabalhadores da cidade e do campo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores. **Comunicações do 3º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos**, v. 2. 2015.
- MARTINS-SALANDIM, M. E.; **A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo**: um exame da década de 1960. 2012. 374 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- MARTINS-SALANDIM, M. E.; Resgate histórico da formação e atuação de professores da escola rural: um estudo no oeste paulista. **Relatório de Iniciação Científica, Unesp/Bauru**, 2003.
- MELO, J. "**Era uma escola muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada...**": uma narrativa sobre a Escola Rural Água do Mandí. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2021.
- NAKAMURA, M. E. F. P. História Oral para a produção de narrativas sobre uma proposta educacional pública paulista nos anos de 1960. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 12, n. 29, p. 313-333, 2019.
- RAMOS, J. A.; et al.; **Andirá no cinquentenário de seu Rotary Club**. Departamento de imprensa do estado do Paraná, 2017.
- SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História Oral na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- SILVA, C. S.; **Escolas Rurais como espaços formativos**: vozes de professores que atuaram na região de Borebi/SP. 2018.

SOUZA, G. S.; **Da fuligem à edificação do Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes: narrativas que contam história(s)**. 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2019.

SOUZA, G. S.; **Memórias da primeira década de funcionamento da Casa Escolar Rural Ormeneze: uma narrativa**. 2017. p. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cornélio Procópio, 2017.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Trad. LólioLorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ZANDOMENIGHI, R. A.; MENEZES, J. J. O. História Oral em Educação Matemática como metodologia: algumas reflexões e articulações. **Anais do Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática**, 2016, 10.1.

Recebido em: 24 de abril de 2023

Aceito em: 29 de junho de 2023